

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS GLOBAIS

Sessão XVIII - Painel Temático

(19 de maio, 17h30-20h00)

<https://videoconf-colibri.zoom.us/j/82006892904>

Auditório III da UAb

“Os portos na formação de mundos globalizados: os casos de Mértola e Lisboa” (coord. Pedro Albuquerque)

CONFERÊNCIAS:

“Lisboa no 1.º milénio a.n.e.: um porto mediterrâneo no litoral atlântico”

Ana Margarida Arruda (UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa)

“O porto de *Felicitas Iulia Olisipo* lugar de entrelaçamento de mundos”

Carlos Fabião (UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

“A caminho do Báltico”

Cláudio Torres (CEAUCP/Campo Arqueológico de Mértola)

“A imagem de *Myrtilis* como porto global na Idade do Ferro: uma abordagem historiográfica”

Pedro Albuquerque (UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Universidade de Sevilha; Cátedra CIPSH de Estudos Globais)

Moderação:

João Luís Cardoso (Universidade Aberta; ICArEHB - Universidade do Algarve)

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS GLOBAIS

RESUMOS

“Lisboa no 1.º milénio a.n.e.: um porto mediterrâneo no litoral atlântico”

Ana Margarida Arruda (UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa)

A presença efetiva de comunidades orientais em Lisboa a partir, pelo menos, dos inícios do século VIII a.n.e., é um dado inquestionável, atestado por abundantes materiais arqueológicos, nomeadamente cerâmicas de inegáveis características técnicas e morfológicas orientalizantes, mas também pela epigrafia e, assim, pela língua e pela escrita fenícias. A área ocupada era consideravelmente ampla, distribuindo-se pela colina do Castelo, sobretudo no seu topo e nas vertentes Sul e Sudoeste.

A extensão, a cronologia e a quantidade dos espólios indicia uma instalação programada, que promoveu o contacto permanente com os fenícios ocidentais instalados em outras áreas da Península Ibérica, mas também com as próprias metrópoles orientais. Por outro lado, contribui decisivamente para a criação, no Baixo Tejo, de um espaço colonial de contornos muito próprios, mas paralelizável a outros do Mediterrâneo Central e Ocidental.

“O porto de *Felicitas Iulia Olisipo* lugar de entrelaçamento de mundos”

Carlos Fabião (UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Os portos são por definição lugares de encontros e intercâmbios, lugares de entrelaçamentos, uma noção operatória mais rica, que engloba as anteriores e tem sido recorrentemente usada nas abordagens de História Global.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS GLOBAIS

Em época romana, o porto de *Felicitas Iulia Olisipo* é um grande espaço de entrelaçamentos: entre Mediterrâneo e Atlântico, como bem sublinhou Orlando Ribeiro, mas entre litoral e interior também. A sua centralidade e as boas condições naturais de acolhimento de múltiplas e diversas navegações explicam o seu sucesso: porto de entradas e também de saídas; espaço de importação / redistribuição, mas também de exportação. De todas estas valências nos vem falando o registo arqueológico.

“A caminho do Báltico”

Cláudio Torres (CEAUCP/Campo Arqueológico de Mértola)

Depois do mediterrâneo, onde há séculos se instalou e desenvolveu a civilização humana, a partir de finais do mundo antigo começou a desenvolver-se outro mediterrâneo, no Báltico. A História dos portos do Tejo e do Guadiana, começaram a relacionar-se muito cedo com este contacto.

A partir de Gibraltar que é de facto o final do mediterrâneo e contornando o cabo de sagres, abre-se um espaço agreste, onde o mar interior no Tejo é o Porto de abrigo fundamental, apesar do Tejo, em algumas dificuldades de navegação.

O Guadiana com águas profundas e submetidas ao ciclo das marés, permite a maior importância de penetração na massa ibérica, pondo em contacto com o Sul, o porto fluvial de Mértola. As marés são decisivas no Guadiana.

Para justificar a importância de Mértola, o porto interior fica a 70 km da costa e mantém contacto com Beja e Mérida.

O Mar Interior de Lisboa justifica a importância desta cidade e do seu porto, na espera de bom tempo, para prosseguir viagem até ou Londres ou Leningrado.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS GLOBAIS

“A imagem de *Myrtilis* como porto global na Idade do Ferro: uma abordagem historiográfica”

Pedro Albuquerque (UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Universidade de Sevilha, Cátedra CISHP de Estudos Globais)

O interesse pelas antiguidades nacionais e locais deve-se, sobretudo, à receção e estudo das fontes clássicas que mencionaram cidades e paisagens da Antiguidade. Estas foram, mais tarde, apropriadas, valorizadas e reconfiguradas como fontes de legitimação do passado nacional ou local por vários eruditos europeus. Entre os lugares referidos nas fontes clássicas está, precisamente, Mértola (antiga *Myrtilis*) que despertou o interesse de autores portugueses e espanhóis desde o séc. XVI. Esta comunicação pretende dar a conhecer os vários olhares que se debruçaram sobre o passado pré-romano e romano desta (agora) vila alentejana, tanto a partir do estudo do legado clássico como a partir do registo arqueológico. Estes trabalhos foram, gradualmente, configurando a imagem de um porto global que recebeu, ao longo de vários séculos desde a sua fundação (séculos VII-VI a.C.), vários elementos do mundo mediterrânico, como revelam as escavações arqueológicas das últimas décadas.